

O Rubéco Marcial

(Excerto da «Estância de D. Sarmento» referente ao Prof. Rubens Maciel)

Balbino Marques DA ROCHA

Me lembro quando sai
Da ESTÂNCIA de D. SARMENTO,
Na balbúrdia do momento,
Sai gente entra gente nova,
Vinha da estrada Real,
Um tal Rubeco Marcial,
Meio cego duma sova.

Pelo geito dos arreios,
E o sombrero de cigano,
Num doradilho cabano,
Se adivinhava na certa,
Que era meio maturrango,
Usar vara em vez de mango,
Precisa ficar de alerta.

Quando o Xirú deu louvado,
Houve até algum cochicho,
Sem peiteira e sem rabicho,
Cola curta e tôso baixo,
Mala de poncho de pano,
Cavalo magro e cabano,
E chapéu sem barbicacho.

Chou égua é muito chafurdo,
Só num diabo troca-bola
Que desde a Picanha à cola
E só marca de laçoço
Olho de bagual velhaco,
Meio lourenço mas tacho,
Bem no fundo um campeiraço.

No galpão tinha um mulato,
Que conhecia o de cujo,
Mulato de dente sujo,
Mas de ficha muito limpa,
Três mortes na redondeza,
Em legitima defesa
Por não torcerem-lhe a grimpa.

E como era respeitado,
Mandou apeiar o Marcial,
Desencilhasse o animal,
Puzesse a um canto os arreios,
E se chegasse pra o fogo,
Se intrometesse no jôgo,
Sem mais nem menos rodeios.

O Rubeco foi se apeando,
E passou-se pra o galpão,
Aceitando um chimarrão,
Foi se adaptando ao enrêdo,

Do meu avô aprendi,
Timbaúva pra gamela.

Roda de zorra o angico,
Aguenta terreno e carga,
Que é cousa pesada e amarga,
Que é cousa pesada e amarga,
Punchar do mato a madeira,
Não sabe quem nunca foi,
Precisa corrente e boi,
Na fralda duma ladeira.

E grito e ponta de prego,
Muita confiança nas juntas,
Tiradeiras e conjuntas,
Boiada gorda e parelha,
Não tem que fazer mais conta,
Trazer estirada a ponta,
E os bois de coice na orelha.

O segrêdo do churrasco,
E' sempre a lenha vermelha,
Seja no espêto ou na grelha,
Não se assa num de repente,
A laranjeira é um respeito,
E' branca mas dá no jeito,
Porque dá braza que agente.

Cambará de cheiro ruim,
Deixa a carne catinguenta,
E mesmo ninguém aguenta
Um costilhar sapecado,
Mesmo si o pedaço é grosso,
Assar do lado do osso,
Só no fim virar de lado.

O branquillo e a pitangueira,
Lenha feita pra o carvão,
Pau vidro lasca no chão,
Quando o machado lonqueia,
A avestruz vem de manhã,
Pra baixo do tarumã,
E a frutinha saboreia.

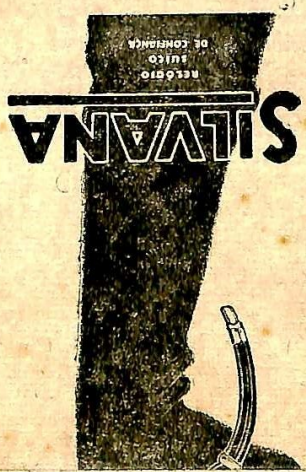
Pra tronqueira a timbaúva,
O cedro pra uma canoa,
Uvá branco lenha boa,
Inda melhor o cuentrilho,
Roda de carro ou pilão,
Angico, cedro ou cocão,
Ou de cerne do espinilho.

de pecuniária do Instituto que
a Divisão do Impôsto equipa-
ra a parte financeiro-econo-
mica das inversões de capi-
tais, seus lucros e suas ren-
das.

**MENTALIDADE
CLAUDICANTE**

E' com essa mentalidade
profundamente claudicante que
o «novo» governo, de uma
«nova» era tributária se exi-
be no cenário administrativo
do Brasil para afrontar a ló-
gica da própria vida em suas
realidades, tentando «criar» u-
na legislação concepcional de
«rendas» e impostos sobre
«rendimentos» que jamais
as legislações superideológicas
pensaram em admitir como
exploração capitalista, bur-
guesa ou totalitária do traba-

novados do Impôsto de renda nas boas casas do ramo



giosa ou as desconta parcial-
mente, limitando os lucros in-
dividuais ou de sociedades co-
letivas para os aplicar no au-
mento dos tributos ou das ar-
recadações que, por sua vez,
formam «rendas» públicas di-
retas ou indiretamente conver-
tidas em obras e melhoramen-
tos também de índole e inte-
resse publico.

CONCEITO AGRESSIVO

Não pensa desta forma porém
a «nova» e «b. lhanh» menta-
lidade que dirige a divisão de
Impôsto de renda. Para ela os
salários, no conjunto hnto de
pagamentos e recebimentos,
são rendas». Da a es:ixuila
emparelhacão dos descontos i-
novados do Impôsto de renda